



EDUCAÇÃO SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA NA ADOLESCÊNCIA NA PERSPECTIVA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Izete Soares da Silva Dantas Pereira¹
Leila Matias de Almeida²

RESUMO

As mudanças biopsicossociais na adolescência, somadas à iniciação precoce da vida sexual e a falta de informações adequadas, aumentam a vulnerabilidade desse grupo às ISTs e gravidez precoce. O objetivo do projeto foi instrumentalizar os jovens com informações, conhecimentos e habilidades relevantes e necessárias para efetuar escolhas conscientes a respeito de sua saúde sexual. A metodologia consistiu em uma ação desenvolvida em março de 2021 sobre saúde sexual/reprodutiva, ISTs e gravidez precoce pela LAANA-Liga Acadêmica de Anatomia Aplicada- da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-FACS-UERN. Utilizou-se um Quiz de questões sobre ISTs e métodos contraceptivos, aulas expositivas por meio da plataforma Google Meet, seguidas de resolução das questões e discussão de dúvidas. As ações foram realizadas com estudantes 8º e 9º anos vespertino da E.E.F. Alice Diógenes Pinheiro em Jaguaribe, Ceará. Constatou-se que muitos alunos tinham dúvidas sobre ISTs e buscavam a professora para esclarecimentos, visto que não tinham liberdade para conversar com seus familiares. Entretanto, a professora relatou dificuldades em transmitir informações e dialogar sobre alguns temas. Nesse sentido, o projeto foi uma iniciativa relevante para a promoção da saúde sexual e reprodutiva. Para os estudantes de medicina participantes foi uma experiência enriquecedora ao desenvolver a habilidade de adaptar a linguagem para o entendimento dos alunos. Conclui-se que a superação da timidez dos alunos ao longo da atividade mostrou que o tema ainda é um tabu, mas pode ser superado com a ampliação das discussões sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual; Infecções sexualmente transmissíveis; Adolescência; Estudantes de medicina.

¹ Docente da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Saúde Pública -Universidade de São Paulo- izetedantas@uern.br.

² Graduada em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. leilamatias@alu.uern.br.





EDUCATION ON SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH IN ADOLESCENCE FROM THE PERSPECTIVE OF UNIVERSITY EXTENSION: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

The biopsychosocial changes in adolescence, combined with early initiation of sexual activity and a lack of adequate information, increase the vulnerability of this group to sexually transmitted infections (STIs) and early pregnancy. The main goal of this project was to provide young people with relevant and necessary information, knowledge, and skills to make informed choices regarding their sexual health. The methodology of this research consisted of an action developed in March 2021 on sexual/reproductive health, sexually transmitted infections (STIs), and early pregnancy by LAANA - Academic League of Applied Anatomy - at the Faculty of Health Sciences of the State University of Rio Grande do Norte (UERN). A quiz with questions about STIs and contraceptive methods was employed, along with expository classes through the Google Meet platform, followed by the resolution and discussion of these questions. The actions were carried out with students from Alice Diógenes Pinheiro, a middle school, in Jaguaribe, Ceará, in 8th-grade and 9th-grade afternoon classes. During the intervention, we found out that many students had questions about STIs and sought clarification from the teacher since they were not able to talk to their families. However, the teacher reported difficulties transmitting information and dialoguing on some topics. In this sense, the Project was a relevant initiative for promoting sexual and reproductive health. For the participating medical students, it was an enriching experience to develop the ability to adapt the language to the student's understanding. It is concluded that overcoming the students' shyness throughout the activity showed that the topic is still taboo, but it can be overcome by expanding discussions on the subject.

KEYWORDS: Sex education; Sexually transmitted infections; Adolescence; Medical students.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada por mudanças no perfil biopsicossocial, que repercutem em alterações comportamentais e emocionais. Essas alterações, somadas ao início precoce da vida sexual e à dificuldade de acesso a fontes adequadas de conhecimento sobre o tema, colocam em risco a saúde sexual e reprodutiva nessa fase. A educação sexual e reprodutiva voltada para o adolescente pode gerar a possibilidade de realizar escolhas mais acertadas, reduzindo os riscos de uma iniciação sexual insegura (GONDIM *et al.*





2015; FREITAS; BRÊTAS, 2020).

A promoção da educação sexual em ambiente escolar se apresenta como um assunto relevante, considerando o grande desconhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva que permeia a faixa etária adolescente. Estudos mostram que há um déficit de conhecimento dos adolescentes a respeito dos métodos contraceptivos, da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e das questões sobre a sexualidade. A escola é um cenário estratégico para a realização de atividades de ensino que visam reduzir a vulnerabilidade de jovens e adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez precoce (ALMEIDA *et al.* 2017; VIEIRA *et al.* 2021; PEREIRA; FARIAS, 2021; ALVES; AGUIAR, 2020).

A literatura mostra que as principais fontes de informações sobre saúde sexual consultadas por adolescentes são fontes não confiáveis, sendo a principal fonte consultada a internet (através de sites e redes sociais), seguida das revistas e da televisão. Os maiores desafios práticos são as dificuldades de filtrar a quantidade de informações acessíveis na internet, selecionar fontes confiáveis, localizar informações relevantes sobre serviços de saúde locais e navegar em sites de grandes organizações (FREITAS; BRÊTAS, 2020; GONDIM *et al.* 2015 PATTERSON *et al.* 2019).

Em relação à conversa com pais e amigos, a maior parte dos adolescentes estabelece mais comunicação com amigos do que com os pais (VIEIRA *et al.*, 2021). De maneira geral, as famílias sentem-se inábeis para lidar com a sexualidade, principalmente porque os pais têm suas próprias dúvidas quanto ao tema (FREITAS; BRÊTAS, 2020). Além disso, crenças religiosas, sociais ou culturais podem impedir que a família tenha um diálogo adequado com os adolescentes sobre esse assunto, além de reproduzir mensagens negativas, como o preconceito contra identidades LGBTQ+ (GROSSMAN *et al.* 2021).

Um estudo conduzido por Almeida *et al.* (2017) buscou investigar a percepção de estudantes do ensino médio, com idades entre 16 e 19 anos, sobre a educação sexual fornecida pela família e pela escola. Os resultados mostraram que os participantes reconhecem a relevância do tema e a influência da família e da escola, mas relataram enfrentar dificuldades na comunicação sobre o assunto com seus pais e insatisfação em relação ao formato das aulas de educação sexual na escola. A linguagem utilizada pelos professores foi a principal queixa.

O estudo de Mitchell *et al.* (2014) mostrou que jovens de minorias sexuais buscam mais informações pela internet, por não ter alguém confiável para tirar suas dúvidas e apresentarem preocupações com a privacidade, além do medo de ter sua orientação sexual exposta.

Em relação à desigualdade de gênero, estudos apontam que a maioria dos jovens do sexo masculino iniciaram a vida sexual ainda na adolescência e apresentam uma maior concentração de comportamentos de risco e menor conhecimento sobre métodos contraceptivos, ISTs e saúde sexual em





comparação com o sexo feminino (FELISBINO-MENDES *et al.* 2018; FONTE *et al.* 2018; FRANÇA; FRIO, 2018; PINTO *et al.* 2018; VIEIRA *et al.* 2021).

Em contrapartida, a literatura mostra menor proporção de relações sexuais protegidas entre o sexo feminino, destacando o papel da desigualdade de gênero e na dificuldade da mulher de assumir uma postura assertiva em decisões sobre saúde sexual e reprodutiva, como o uso de preservativos (MOREIRA; DUMITH; PALUDO, 2018; MILHAUSEN *et al.* 2014; VIEIRA *et al.* 2021).

Moreira, Dumith e Paludo (2018) referem que cerca de 70% dos jovens da amostra estudada tiveram a primeira relação sexual antes dos 18 anos de idade, sendo que 14,9% da amostra total iniciou a vida sexual com idade igual ou inferior a 14 anos. De forma semelhante, o estudo de Vieira *et al.* (2021) apontou uma idade média da sexarca de 14,1 anos, e tendência de iniciação sexual precoce no sexo masculino, destacando que aproximadamente 34% das primeiras relações sexuais foram desprotegidas.

Um dos objetivos principais a ser alcançado ao promover ações voltadas para saúde sexual e reprodutiva nas escolas foi gerar um aprendizado que, além de ser voltado para a redução das vulnerabilidades dos adolescentes às ISTs e à gravidez precoce, abordar temas com a preocupação de promover a igualdade entre os gêneros e diversidade sexual sem discriminação e imposições (FREITAS; BRÊTAS, 2020).

O presente estudo faz um Relato de Experiência cujo objetivo do projeto foi instrumentalizar os jovens com informações, conhecimentos e habilidades relevantes e necessárias para efetuar escolhas conscientes a respeito de sua saúde sexual com alunos do 8º e 9º anos vespertinos do ensino fundamental de uma escola pública do estado do Ceará.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A educação em saúde sexual e reprodutiva é essencial para adolescentes, visto que é nessa fase que passam por mudanças físicas e emocionais significativas e, portanto, o ambiente escolar tem sido reconhecido como um local importante para fornecer essa educação, sendo um fator importante na redução de comportamentos de risco e na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre os adolescentes (ALVES; AGUIAR, 2020; FRANCO *et al.* 2020; PACHECO *et al.* 2020).

Para enfrentar essa questão, a Liga Acadêmica de Anatomia Aplicada (LAANA) desenvolveu uma ação educativa em parceria com a Escola de Ensino Fundamental E.E.F. Alice Diógenes Pinheiro com o objetivo de discutir tabus e temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva que podem ser estigmatizados ou retratados de forma pouco eficaz nas escolas. A desinformação bem como o uso de fontes não confiáveis de informação, tornam às





adolescentes vulneráveis ISTs e à gravidez precoce.

No planejamento da ação educativa levou-se em conta criar um ambiente que transmitisse informações confiáveis, bem como o estabelecimento de comunicação, mesmo que de forma remota, entre os estudantes de medicina e os estudantes. Para alcançar uma abordagem eficaz e inclusiva, durante o planejamento das atividades foi destacada a importância de adotar uma estratégia que respeitasse as preocupações com a equidade de gênero e incluísse a população LGBTQ+, frequentemente negligenciada no que diz respeito à saúde sexual e reprodutiva.

No início da intervenção, para avaliar o nível de conhecimento dos alunos do 8º e 9º anos e com a finalidade de registrar a presença, a pedido dos professores responsáveis, foi feita uma atividade, em formato de questões de múltipla escolha (QUIZ). Essa consistiu em perguntas objetivas sobre os agentes etiológicos e formas de transmissão para que pudessem identificar sinais e sintomas de ISTs, saber como prevenir e buscar um serviço de saúde, se necessário.

Para introduzir o assunto, foi discutido o conceito de ISTs, citadas as principais e discorrido sobre os sintomas mais frequentes. Devido ao curto tempo, destinado para a ação, optou-se por não discorrer sobre cada infecção, separadamente, sendo feita uma abordagem geral do assunto.

Posteriormente, criou-se um momento aberto de diálogo para permitir o esclarecimento de dúvidas e quebra de alguns tabus sobre o corpo e os aparelhos reprodutores masculino e feminino. Os coordenadores e ligantes da LAANA garantiram que o diálogo fosse respeitoso e inclusivo, promovendo um ambiente de aprendizado mútuo e respeito às diferenças. Os acadêmicos participantes das ações foram sensibilizados sobre a importância que tem o profissional de saúde na orientação e construção do autocuidado junto à comunidade. As formas de prevenção, também foram abordadas, para obter uma compreensão básica do conhecimento dos alunos sobre saúde sexual e reprodutiva, que informaria as atividades subsequentes da intervenção.

Pôde-se constatar, através de depoimentos verbalizados que muitos não tinham conhecimentos corretos sobre as IST's. A identificação dessas dúvidas e desinformações foram importantes, pois posteriormente poderiam ser eliminadas. O acompanhamento dos pais ou responsáveis sobre o desenvolvimento físico psíquico e social dos filhos e a apropriação sobre assuntos fundamentais para a educação em saúde se constitui um dos suportes da promoção da saúde (PEREIRA; FARIAS; 2021).

Aferido o conhecimento sobre o assunto, os discentes participantes da LAANA passaram a fazer breves explanações sobre as principais ISTs, como HPV, Doença Inflamatória Pélvica (*Neisseria gonorrhoeae Chlamydia trachomatis*), HIV/AIDS, Sífilis (*Treponema pallidum*). Essa experiência, certamente, influenciará positivamente, no futuro, em sua prática enquanto profissionais





e, conseqüentemente, na forma de atendimento à comunidade, mais humanizada e cidadã.

Na discussão sobre o tema, foi constatada insatisfação dos estudantes com a abordagem da escola e dificuldade dos professores ao tratar do assunto. Enfatizaram, ainda, dificuldades em obter informações precisas e de qualidade. Os professores, também, enfrentam dificuldades em abordar o tema de forma adequada, muitas vezes por falta de preparo, de recursos didáticos e dos tabus. Esse aspecto contribui para a perpetuação de preconceitos (GONDIM *et al.* 2015, PLAZA DEL PINO *et al.* 2021).

Embora os resultados representem uma quantidade significativa de respostas corretas, eles ainda apontam para a necessidade de um conhecimento mais abrangente. Dentre as questões do Quiz, algumas chamaram atenção. A maioria dos alunos acreditava que essas infecções eram apenas transmitidas por meio do contato sexual com um parceiro infectado, desconsiderando outras formas de transmissão, indicando uma falta de informação sobre o assunto. Metade dos alunos não sabiam que o corrimento nem sempre é um sintoma de uma IST, o que pode gerar confusão ao identificar os sintomas. Uma quantidade significativa de alunos reconhecia a importância do preservativo e conceituaram de forma correta a transmissão de ISTs e afirmaram que tanto o preservativo masculino quanto o feminino são métodos eficazes de prevenção dessas infecções. Mais da metade dos participantes afirmou que a transmissão de ISTs ocorre por contato direto entre mucosas ou pele que não estejam íntegras. Apesar disso, alguns ainda apresentaram dúvidas sobre as questões supracitadas, o que evidencia a necessidade de ampliar as discussões sobre o assunto. Esses resultados corroboram os achados de Oliveira *et al.* (2017), que identificaram, em seu estudo, que os adolescentes apresentam conhecimentos insuficientes para uma prática de sexo segura.

Um Relato de Experiência realizado por Pereira e farias em 2021 em duas escolas do município de Mossoró/RN constatou a necessidade da realização de maior investimento em informação em relação à educação sexual e a prevenção das ISTs.

O estudo de Vieira *et al.* (2021) citou como principal dúvida dos adolescentes o uso do anticoncepcional oral e identificou falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos de longa duração, como o dispositivo intrauterino e o implante subcutâneo.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a importância de uma educação sexual inclusiva, particularmente para a comunidade LGBTQ+. O estudo de Mitchell *et al.* (2014) analisou as razões pelas quais jovens de diferentes orientações sexuais procuram informações sobre saúde sexual. Os autores concluíram que a pesquisa de informações sobre saúde sexual online variava significativamente de acordo com a orientação sexual: de 19% dos jovens heterossexuais a 78% dos jovens LGBTQ+, estes mais propensos do





que os jovens heterossexuais a relatar que procuraram informações on-line porque não tinham ninguém a perguntar. A idade também foi um fator relatado no estudo, já que menores de 15 anos eram mais propensos a procurar informações na internet.

Nesse contexto, pensando na inclusão da população LGBTQ+, durante uma exposição sobre formas de prevenção de ISTs foi estabelecido um momento para discorrer sobre opções voltadas especificamente para mulheres que se relacionam com outras mulheres. Quanto a este tópico, o estudo de Gil-Llario et al. (2023) destaca a negligência da comunidade científica com as necessidades das mulheres que fazem sexo com outras mulheres (MSM), o que deixa uma lacuna de conhecimento sobre os efeitos do HIV e outras ISTs nesse subgrupo específico, aumentando o risco de transmissão de IST entre MSM e alimentando um ciclo de prestação de cuidados de saúde ineficaz.

De forma semelhante, o estudo de Rufino *et al.* (2018) ressalta a escassez de produção científica sobre as demandas de saúde sexual/reprodutiva de mulheres que fazem sexo com mulheres. Os autores concluíram que mulheres que se relacionavam com outras mulheres eram menos propensas a usar um método de barreira em suas práticas sexuais e apresentavam menor probabilidade de fazer uma consulta anual com um ginecologista. Além disso, o estudo constatou que 88% das MSM não perguntaram aos ginecologistas sobre prevenção de ISTs e câncer do colo uterino, e, quando buscavam informações com profissionais de saúde, recebiam menos orientações sobre ISTs e menos esclarecimentos sobre suas dúvidas relacionadas ao sexo. Esses achados destacam a dificuldade no acesso e provisão de saúde sexual, evidenciando o impacto negativo da invisibilidade desse grupo populacional e ressaltando a importância de intervenções direcionadas e apoio abrangente.

Durante a exposição foi destacada a falta de ferramentas disponíveis para proteção durante encontros sexuais entre mulheres ou entre pessoas que tem vagina. A escolha dessa linguagem foi feita para garantir a inclusão de outras identidades de gênero que não se identificassem como mulheres.

A discussão durante a intervenção concentrou-se em possíveis soluções, como o uso do *dental dam* para proteção durante as atividades sexuais vulva-boca e a adaptação de preservativos masculinos para os encontros sexuais. Também foi enfatizado que o uso de filme plástico não é recomendado como medida de proteção.

O estudo de Gil-Llario *et al.* (2023) ilustra a importância dessa abordagem, revelando uma porcentagem de mulheres que não empregam métodos preventivos de forma consistente. O uso de *dental dams*, definido pelos autores como uma barreira preventiva para o sexo oral, foi pouco frequente, com apenas 4,7% das mulheres. Níveis elevados de homofobia internalizada estão relacionados a uma menor frequência do uso de preservativos, possivelmente receberam uma educação sexual com enfoque na população hete-





rossexual, que considera apenas o uso de preservativos nas relações sexuais com homens.

A discussão sobre a violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes, também é relevante, principalmente, no que se refere à desigualdade de gênero (GIL-LLARIO *et al.* 2023; GOLDFARB; LIEBERMAN, 2021).

O estudo de Ferrari, Peres e Nascimento (2018) retrata a realidade de adolescentes do sexo feminino em situação de vulnerabilidade social, com foco nas narrativas de dez jovens com experiência de aborto induzido, moradoras de uma favela do Rio de Janeiro. Destacam que a internet foi a via preferencial de busca sobre métodos contraceptivos. A escola e a família não foram citadas para obtenção de informações. A alta frequência do sexo sem proteção e o arrependimento, como resultado da insistência do parceiro em não utilizar proteção, também foram mencionados.

O estudo de Vieira *et al.* (2021) concluiu que a maior parte dos participantes do sexo masculino apresentavam menor conhecimento a respeito das ISTs, julgava a prática do uso do preservativo desnecessária e tinham a crença recorrente de que o anticoncepcional oral prevenia contra ISTs.

Com o decorrer da ação, os ligantes observaram aumento gradual na participação dos alunos, que apresentavam um comportamento mais reservado ao início. Esse comportamento é, em grande parte, devido ao fato de que algumas temáticas abordadas no diálogo são consideradas tabus sociais, gerando uma certa timidez para discutir tais assuntos, apesar da curiosidade em relação a diversos aspectos. O momento de maior participação dos alunos ocorreu ao final da atividade, quando eles se tornaram mais familiarizados com os temas e se sentiram mais à vontade para expressar suas dúvidas e opiniões, apresentando uma maior abertura para o diálogo. Outros tópicos abordados na intervenção incluíram a importância de manter hábitos de higiene durante as atividades sexuais, e a importância de visitas regulares ao ginecologista

Adicionalmente, concordando com as afirmações de Alves e Aguiar (2020) sobre a importância do professor como fonte de informação para os adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis, a professora que acompanhou o grupo de discentes relatou que muitos alunos a procuravam em busca de esclarecimentos e ressaltou que nem sempre sabia como transmitir a informação e dialogar sobre alguns conceitos. Os docentes enfrentam obstáculos em relação à educação sexual por diversos fatores, incluindo: dificuldades em prover educação sexual devido à falta de capacitação, receio de rejeição por parte dos pais acerca da abordagem da sexualidade com seus filhos, desconforto pessoal, e limitação de tempo. Professores do ensino fundamental encontram diversidade de orientações sexuais em suas turmas, porém sem o suporte curricular e a capacitação adequada, os docentes não se sentem capazes de tomar decisões pedagógicas embasadas que promovam a educação inclusiva (CUMMINGS; FISHER; REILLY-CHAMMAT, 2021;





PLAZA-DEL-PINO *et al.* 2021; VAN-LEENT; RYAN, 2016); ALVES; AGUIAR 2020).

Ao final da ação os estudantes foram orientados sobre a possibilidade de buscar serviços de Atenção Primária à Saúde (APS) no Sistema Único de Saúde (SUS) para ter acesso a testes de ISTs, aconselhamento, planejamento de contracepção e recebimento de métodos de prevenção e anticoncepcionais gratuitos por meio do SUS, mesmo sem acompanhante (BRASIL, 2021).

Foi destacado que o adolescente tem direito à privacidade nas consultas médicas e sigilo médico-paciente, para garantir que se sintam confortáveis e seguros ao discutir suas necessidades de saúde sexual com os profissionais de saúde. Alguns estudantes expressaram dúvidas sobre a possibilidade de ir sem acompanhante responsável, que foram esclarecidas ao final da ação.

Dessa forma, foi decisivo para a efetivação dessa proposta de Projeto de Extensão a adoção de uma abordagem socioeducativa na escola já que esse é um espaço distinto, possibilitando desenvolver novos conhecimentos, a partir do confronto de diversos saberes: o cultural, religioso, científico e o apresentado nos meios de comunicação. Promover a aproximação entre Instituição Universitária e comunidade escolar vai ao encontro da Educação em Saúde (PEREIRA; FARIAS, 2021).

3 CONCLUSÃO

Ao final da ação extensionista foi possível constatar a importância da Intervenção educativa desenvolvida pela LAANA. Essa iniciativa contribuiu para o esclarecimento de dúvidas e para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, que muitas vezes não têm acesso a informações de qualidade sobre o tema, ou apresentam dificuldades em identificar informações confiáveis.

Durante o projeto, um dos principais desafios foi adequar as atividades de extensão da LAANA ao modelo remoto, por ser o primeiro semestre realizado, totalmente, à distância, não estava clara o uso dessa metodologia nas atividades de extensão. A equipe enfrentou esses desafios aproveitando as ferramentas e plataformas digitais para criar um ambiente virtual que facilitasse a interação e o aprendizado. O uso de plataformas online como o Google Meet e o Google Forms permitiu que os ligantes mantivessem um bom nível de engajamento com os estudantes, além de permitir o envio de dúvidas de forma anônima, visto que, por se tratar de um tema tabu, os adolescentes sentiam-se inibidos a tirar suas dúvidas.

Para os discentes de medicina da LAANA, a experiência foi engrandecedora, sendo necessária a adaptação da linguagem e das terminologias para a compreensão do público, habilidade essencial para a prática médica, uma vez que o entendimento mútuo dos participantes da consulta é essencial para o desenvolvimento de uma boa relação médico-paciente. Os alunos





de Medicina puderam adquirir técnicas de oratória e experimentar como é ensinar através de plataformas remotas, tendo em vista que eles também eram ouvintes durante as aulas de graduação.

Apesar do sucesso da ação, a generalização desses resultados está sujeita a certas limitações. Embora as atividades remotas possam ser eficazes, principalmente para ampliar os campos de atuação de extensão ao permitir a participação à distância, a falta de interação pessoal pode ter limitado a eficácia da comunicação, principalmente em termos de engajamento com os alunos. Além disso, a ação foi restrita apenas às turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental. Dessa forma, futuros projetos ou ações poderiam ser ampliados para mais turmas de ensino fundamental e médio, com linguagem e terminologia adaptadas à faixa etária de cada turma.

Considerando a importância do tema, esforços contínuos são necessários para tornar a educação em saúde mais acessível para os adolescentes e a parceria entre a extensão universitária e as escolas é benéfica não só para os adolescentes, mas também para os estudantes de medicina. Essas ações proporcionam oportunidades para os extensionistas desenvolverem habilidades, adquirirem experiência prática e contribuir para a promoção de uma educação sobre saúde sexual e reprodutiva. Portanto, sugere-se a reprodutibilidade e adaptação do método para outros projetos e ações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. A. S. et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Rev. Bras. de Enf.** v. 70, n. 5, p. 1033–1039, set. 2017.

ALVES, L.S.; AGUIAR, R.S. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. **Nursing** (São Paulo), p. 3683-3687, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS). Governo Federal realiza segunda edição da Campanha Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência [Internet]. Brasília, [acesso em 04 jan. 2022]. 2021. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/11117>.

CUMMINGS, C. A; FISHER, C. M; REILLY-CHAMMAT, R.. Improving practice: Giving voice to the experiences of sexual health education teachers. **Health Education Journal**, v. 80, n. 8, p. 897–907, 2021.

FERRARI, W.; PERES, S.; NASCIMENTO, M.. Experimentação e aprendizagem na trajetória afetiva e sexual de jovens de uma favela do Rio de Janeiro, Brasil, com experiência de aborto clandestino. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23,





p. 2937–2950, 2018.

FREITAS, M. J. D.; BRÊTAS, J. R.. Direitos sexuais e reprodutivos: o desafio do exercício da sexualidade na adolescência: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 31, n. 2, 2020.

GIL-LLARIO, M. D. *et al.* HIV and STI Prevention Among Spanish Women Who have Sex with Women: Factors Associated with Dental Dam and Condom Use. **AIDS and Behavior**, v. 27, n. 1, p. 161–170, 2023.

GOLDFARB, E. S.; LIEBERMAN, L. D. Three Decades of Research: The Case for Comprehensive Sex Education. **Journal of Adolescent Health**, v. 68, n. 1, p. 13–27, jan. 2021.

GONDIM, P. S. *et al.*, Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Journal of Human Growth and Development**, v. 25, n. 1, p. 50–53, 2015.

GROSSMAN, J. M.; PEARCE, N.; RICHER, A. M. The Family System of Sexuality Communication: Extended Family Perceptions of Adolescent–Family Talk about Sex, with Sibling and Non-Sibling Comparison. **Sexes**, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2021.

MITCHELL, K. J. *et al.* Accessing sexual health information online: use, motivations and consequences for youth with different sexual orientations. **Health Education Research**, v. 29, n. 1, p. 147–157, 2014.

OLIVEIRA, P. C. *et al.* Conhecimento em saúde sexual e reprodutiva: estudo transversal com adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 19, 2017.

PACHECO, E. V. F. *et al.* Derrubando mitos e confirmando fatos da anatomia do sistema reprodutor humano em um contexto de extensão universitária. **Brazilian Journal Of Health Review**, S.L.], v. 3, n. 1, p. 512-517, 2020.

PATTERSON, S. P. *et al.* What are the barriers and challenges faced by adolescents when searching for sexual health information on the internet? Implications for policy and practice from a qualitative study. **Sexually transmitted infections**, v. 95, n. 6, p. 462–467, set. 2019.

PEREIRA, I. S.S.D.; FARIAS, C.R. G. Papiloma Vírus Humano-HPV: Prevenção e Vacinação. **INTERAGIR: PENSANDO A EXTENSÃO**, Rio de Janeiro, n.31, p. 53-61, jan/jul. 2021





PINTO, V. M. *et al.* Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2018, v. 23, n. 7 [Acessado 24 junho 2021], p. 2423-2432. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018237.20602016>>

PLAZA-DEL-PINO, F.J. *et al.* Primary School Teachers' Perspective of Sexual Education in Spain. A Qualitative Study. **Healthcare**, v. 9, n. 3, p. 287, 2021.

RUFINO, A. C. *et al.* Práticas sexuais e cuidados em saúde de mulheres que fazem sexo com mulheres: 2013-2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, n. 4, nov. 2018.

VAN LEENT, L.; RYAN, M.. The changing experiences of primary teachers: responding to scenarios involving diverse sexualities. **International Journal of Inclusive Education**, v. 20, n. 7, p. 711–725, 2016.

VIEIRA, K. J. *et al.* Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 25, p. e20200066, 2021a.

